

Ciro ressuscita o velho estilo 'bateu, levou'

■ Há quase dois meses no cargo, ministro da Fazenda chamou empresários de canalhas, imbecis e terroristas, e consumidores de otários

CRISTIANO ROMERO

BRASÍLIA — O estilo *bateu, levou* do ministro da Fazenda, **Ciro Gomes**, já criou problemas para a sua equipe, acostumada aos estilos suave do chefe anterior, **Rubens Ricupero**, e comedido do pai do real, o presidente eleito **Fernando Henrique Cardoso**.

"Quando disse que poderia levar as taxas de juros ao céu para conter as remarcações de preços, o ministro mostrou ao mercado que estávamos preparando alguma coisa, criando uma expectativa negativa em relação às medidas", admite um integrante da equipe econômica. Há um mês e meio no cargo, **Ciro** já chamou os empresários de canalhas, imbecis, terroristas e acusou-os de falarem bobagens. Aos consumidores que aceitam pagar ágio chamou de otários.

"Ministro da Fazenda não fala, age. Uma alteração na taxa de juros tem muito mais efeito que qualquer declaração bombástica", aconselhou o ministro do Planejamento, **Beni Veras**, quando **Ciro** assumiu o cargo. **Beni**, além de principal aliado do ministro da Fazenda na Esplanada dos Ministérios, foi um de seus principais mentores na política cearense. No fundo, **Beni** aprova a conduta de **Ciro** e acredita que as críticas ao seu

estilo se devem mais à resistência do empresariado a ver na Fazenda um nome do Nordeste. "O problema é que ele não é paulista", comentou **Beni** com seus assessores.

O estilo agressivo do ministro da Fazenda é recebido, porém, com bom humor no Palácio do Planalto. Num diálogo travado no Palácio na quarta-feira passada, quando o presidente **Itamar Franco** convocou o minis-

"Ministro da Fazenda não fala, age. Uma alteração nos juros faz mais efeito que qualquer declaração bombástica"

Beni Veras, ministro do Planejamento



tro da Justiça, **Alexandre Dupuyrat**, para discutir a violência no Rio de Janeiro, **Ciro**, que estava presente ao encontro, sugeriu: "Presidente, tenho a solução para seus problemas: o senhor nomeia o **Pedro Simon** para cuidar do ministério da Fazenda e me indica para intervir no Rio de Janeiro. Tenho o perfil para esse tipo de trabalho".

Há quem compare o estilo de **Ciro Gomes** ao do ex-presidente **Fernando Collor** que, de tanto criticar os adversários, acabou isolado no poder. Na semana que passou, o ministro perdeu a paciência ao sair de uma reunião no Ministério do Planejamento e perceber que seu carro oficial não o aguardava na portaria do prédio. "Cadê meu carro?", perguntou ao seu assessor de imprensa, **Egídio Serpa**, que, não localizando o automóvel, no mesmo instante providen-

ciou outro carro oficial para transportar o chefe. "Eu quero o meu carro", decretou **Ciro**, descartando a solução encontrada pelo assessor.

Num encontro recente com o ministro, o deputado **Osmâio Pereira (PSDB-MG)** reclamou da falta de recursos dos hospitais, argumentando que a situação da saúde era dramática: "Por falta de dinheiro para atender a todos, estamos tendo

"Presidente, nomeie o Pedro Simon para a Fazenda e me indique para intervir no Rio. Tenho o perfil para esse tipo de trabalho"

Ciro Gomes, ministro da Fazenda

de escolher quem vai morrer: o velho, a criancinha ou o doente crônico", apelou o parlamentar. **Ciro** não se comoveu. "Pois me traga aqui os piores casos do pior hospital que eu mesmo vou mostrar como dá para administrar sem deixar ninguém morrer", desafiou.

"O estilo do ministro é típico de um político que viveu proble-

mas ao enfrentar setores tradicionais da política de seu estado", justifica seu chefe de gabinete, o embaixador **Sérgio Amaral**. Mas **Ciro** não abre mão de seu estilo. "O estilo é o homem", afirma, citando **Alexandre Dumas**, o pai.

Os boatos de que o ministro não estava se dando bem com seus assessores surgiram depois que **Ciro** decidiu vetar proposta da equipe econômica para aumentar a taxa do Imposto de Renda sobre os assalariados, com o objetivo de conter o consumo. "A sensibilidade política do ministro impediu que adotássemos uma medida tão impopular", admite um assessor do Ministério da Fazenda. A equipe, ainda, que teria gostado, no início, de ter um chefe mais objetivo, estaria agora estranhando a contundência do ministro. Mas tanto economistas quanto o ministro afastam este tipo de especulação.

"Esta equipe é um ajuntamento de gênios", diz **Ciro**. "Ele vai ao êxtase nas reuniões", conta o assessor **Egídio Serpa**, que o acompanha há quatro anos. "Não podemos nos esquecer que os economistas já eram amigos pessoais de **Ciro** antes de ele vir para o ministério", atesta o embaixador **Sérgio Amaral**.

(Colaborou **Sérgio Léo**)